

O Livro de Bolso do Psicanalista Cidadão

I

O Outro

(Esther e o mercado)*



Bem-vindos,

Formamos um grupo decidido neste final de ano, constituído quando vocês disseram sim a minha proposta de trabalho. Minha ideia é chegar ao final do ano tendo retomado alguns dos conceitos que utilizamos muito para criar um solo comum e, a cada vez, abrir discussões entre nós no sentido de que maneira achamos que estes conceitos podem ter um alcance para além do próprio tratamento analítico.

Uma palavra sobre o lugar dos fragmentos de entrevistas de Eduardo Coutinho nesses encontros.

Quero que não deixemos de tomar esses conceitos o tempo todo como ferramentas de uso em uma experiência concreta, a de uma análise. Se pudermos usá-los em outros espaços, muito bem, mas sem afastá-los demais da experiência senão eles perdem sentido. E, se é para começarmos a usá-los no plano de uma visão de mundo, temos as elaborações da filosofia ou as descrições da sociologia para nos orientar de maneira muito mais rica.

Coutinho, como escrevi, é alguém que sabe extrair alguma coisa de singular de uma experiência feita para não dar certo neste sentido, pois há a câmera, a coisa é mais ou menos ensaiada mais ou menos preparada, editada depois. Mas, apesar disso tudo, sabemos como ele produziu vários encontros notáveis em que brilha a surpresa do encontro. Nestas entrevistas estamos diante de um personagem de ficção ou da vida real? Esse é um ponto que talvez vamos discutir em todos os nossos encontros. São pessoas de carne e osso que se colocaram diante de uma câmara para contar uma história. É um testemunho. Mas são também um personagem porque eles foram de certa maneira roteirizados.

Entre testemunhos e personagens, nenhum dos dois deixa de ter interesse para a gente. Personagens serviram a Freud e Lacan para trazer o vivo da vida numa situação mais de transmissão no universal. A ficção extrai o radical de uma maneira mais evidente, a coisa vem purificada. Por isso que dizemos que “a vida imita a arte”. O testemunho também, mas de outro modo. O testemunho não é a mesma coisa que um personagem. Nele assumimos que há real mais pela fixação entre o enunciado (o que se conta) e a presença enunciativa de quem testemunha. Sabemos como hoje em dia isto está confuso, quando tantos filmes, para se darem peso e valor, têm final “baseado em fatos reais”. Isso faz a gente dar um valor de testemunho, um valor documental, para aquela ficção.

* Este texto reproduz o primeiro encontro do curso livre do ICP-RJ “O livro de bolso do psicanalista cidadão” ocorrido em 27/10/16 com o título: “O Outro: Esther e o mercado”. Transcrição de Cida Malveira revista pelo autor.

A ficção e o testemunho como reveladores do real. Qual a diferença entre os dois e até que ponto isso nos interessa? Quero deixar à margem, mas se vier para o centro tudo bem porque há toda uma discussão do nosso mundo, do nosso meio: o que fazer com os casos clínicos? O que fazer com os testemunhos, que são outra coisa que não o caso clínico?

Espero que todos saibam o que é “passe”, que todos saibam o que é um testemunho de passe. De maneira análoga, se discute em nosso meio - a AMP (*Associação Mundial de Psicanálise*), o Campo Freudiano, a EBP (*Escola Brasileira de Psicanálise*) - de que maneira entender o valor dos testemunhos, dos casos e do uso de personagens de ficção para a transmissão da psicanálise.

O que é um testemunho, uma autobiografia, um romance, uma ficção baseada em fatos reais? O que é um documentário? E um caso clínico? Tudo isso está bastante embrulhado e as divisões clássicas já se foram.

Mesmo sem resolver isso, mesmo deixando os fragmentos de Coutinho entre ficção e testemunho, considero que eles vão nos ajudar a deixar nossos conceitos imersos no plano do encontro de fala que constitui nossa clínica.

Enviei hoje um pré-texto e devo enviar um antes de cada encontro. Em cada um deles vou fazer referência a um desses fragmentos de entrevista, articulando-os ao conceito em questão.

O Outro da estrutura e o do gozo

Dona Esther me pareceu uma boa maneira de a gente chegar intuitivamente no Outro como conceito de Lacan (<https://youtu.be/f3ixpEjj2D0>). Do Outro como estrutura, talvez o clássico lacaniano, a maneira como Lacan se refere a ele no *Seminário 5: As formações do inconsciente*.

São muito Outros no ensino de Lacan. Uma vez que este Outro estava bem definido como nosso solo comum, quis fazer apenas um contraponto com o Outro do *Seminário 20: Mais, Ainda*.

Não há uma coisa arrumada, esquematizada, apesar da grande distância entre os dois. Vamos esquematizar: de um lado o Outro da estrutura, do outro, um Outro que, como tal, só pode ser o Outro do corpo, digamos, o Outro do gozo.

O Outro da estrutura é prévio e virtual. Por isso Lacan afirma que ele é constituinte para o sujeito. Somos constituídos no Outro, não há nada que se constitua a não ser no Outro, esse Outro tomado como cultura, a cultura como alguma coisa estruturada e estruturante, no qual viemos a ser. Antes disso, citando uma expressão de Lacan, só há o “caos orgânico”.

Virtual porque a cultura já tem para nós um lugar, somos no desejo do Outro, da cultura, familiar, por exemplo, um “polo de atributos”. Quando nascemos, nos vestimos com esses atributos e, ao mesmo tempo, alguma coisa não é recoberta porque, afinal, nem tudo de que somos feitos pode ser significado pelo Outro, não poderá ser acessado como tal pelos óculos do Outro. Pelos óculos do Outro consigo representar o real, mas não completamente. Alguma coisa não vai se representar. É o que Lacan chama de sujeito,

uma das formas de apresentação do real no campo da representação.

O vital desse caos orgânico não será integralmente representado. O que dele for representado vai virar o eu, o que não for representado vai virar um furo no eu: sujeito. Essa é a estrutura do Outro. O Outro absorve o caos orgânico, produz o eu e um furo do eu que vamos chamar de sujeito. O osso dessa estrutura é o furo com coisas em volta. São causas, identidades, valores, toda uma série de regras de conduta de funcionamento. Identidade, valores e uma co-formação dessas identidades e valores.

Tendemos a pensar que a estruturação simbólica, a ordem simbólica, como Lacan a chama, como uma espécie de superestrutura por cima do real. Não é. A gente vive e morre ali dentro e as regras nos fazem, nos matam e nos salvam, por exemplo, “não posso morrer devendo a C&A e o Ponto Frio”.

Quis tomar D. Esther no sentido contrário do que tenderíamos a dizer, como se ela estivesse realmente desesperada. Uma senhora que passou a vida com pessoas, costureira de moda, alta sociedade, o tempo todo bem na foto, mas perdeu o marido há dois anos e está só. Poderia não ser tanto, mas para ela era. Ela chega a dizer “não é possível que uma pessoa pense que é feita para viver sozinha”. A C&A salvou a vida dela então.

Vamos imaginar que isso tudo faz parte da estruturação dela e que ela se encontrou com o irrepresentável. No ponto cego de seu eu encontra com um sujeito bem apresentado, mancomunado com o gerente do banco, além disso com um monte de notas falsas numa sacola. Aquilo parece pura maldade e nisso tudo seu desespero.

A estrutura do Outro também define o lugar do ponto cego. O Outro também define por onde o real vai se apresentar. O lugar do sujeito é definido, constituído na interação com o Outro.

Estamos habituados a tomar as prescrições do Outro que nos orientam, digamos inconscientemente, chamando-as de supereu e as proscricções do Outro, o lugar do furo, que nos orientam também dando-lhes o nome de *Isso*. O sujeito, como ponto cego de um Outro, vai se apresentar naquilo que não cabe no Outro. E aquilo que cabe no meu Outro e que não tenho acesso vai se apresentar como nossas regras, como as que nortearam Dona Esther.

O próximo passo é: esse é o Outro, há algo mais? Sim, um outro Outro. Antes de dar este passo, vamos, porém, visualizar o Outro como ordem simbólica com o Pêndulo de Foucault.

O pêndulo de Foucault

Se deixarmos um pêndulo balançando, qualquer um, ele balança para frente e para trás, mas vai desenhando um círculo porque a terra gira. Mas como a terra gira se ele está dependurado na terra? Por alguma obra da física, da aerodinâmica, quando você suspende uma coisa e a balança, ela sai da terra. Como sai da terra se está dependurada no teto?

Para o eu, o furo, o ponto cego de si mesmo, assim como o do Outro a partir do qual o eu

é estruturado, aparece do mesmo modo paradoxal e bizarro que o ponto em que se apoia o pêndulo nessa experiência. A gente, dentro do Outro, acha que esse ponto cego está no real, em outro lugar, fora da Terra. A gente fica achando que o furo é Deus, para os que tendem mais à transcendência.

Esse “ponto no infinito” é uma coisa completamente terrena. Se pararmos para pensar, ele está dependurado nesse teto mas é como se fosse Deus. Por isso quis insistir tanto no estranho da experiência. Nós, neuróticos, vivemos o furo como Outra coisa, o Outro do Outro. Do lado do Outro, como Deus; do lado do eu, como uma subjetividade primitiva e mais autêntica.

Se ficamos no registro dessa experiência, o furo não está em outro mundo, ele é material. Isso é para falar da ideia de que é a estrutura que localiza o sujeito. Se não fosse toda a sala, o teto e o barbante, não teria esse efeito. É o efeito de furo que vale como real. Mas o furo não é o real, o real é o que estaria fora dessa estrutura. Não temos nem como imaginar porque vivemos dentro dela, o que está fora não temos que dar conta, somos estruturalistas. Não tem caverna, vivemos dentro de uma matriz, uma malha, uma rede. Essa rede faz com que o real esteja dentro dela, só que ela elege algumas coisas para dizer que há um fora, só que o fora é só um furo.

O ponto no infinito a gente chama de pai, do Nome-do-pai. No Nome-do-pai está o ponto de origem. Fora do originado, o ponto de origem é o real. Na cultura clássica do Freud, o ponto de origem no real é o pai ou aquilo que o pai representava: a tradição, a família. O Nome-do-pai foi a maneira de Lacan para dizer não é o real; o real é o Nome-do-pai como ponto no infinito. A experiência do Pêndulo de Foucault reproduz a estrutura do *Cross Cap* que Lacan trabalha bastante para tentar transmitir para a gente essa estrutura, incluindo nela também o objeto, de que falaremos mais em outro encontro.

Com Dona Esther vemos como é o ponto no infinito, assim como o encontro com o que aparece no lugar do furo. O que ela encontrou no furo do Outro, a sacola do dinheiro, desestabilizou o Outro e ela precisou se agarrar nos princípios básicos da estruturação de sua subjetividade para poder sobreviver.

O furo no Outro e a singularidade

O inconsciente é a apresentação de fragmentos de memória no furo do Outro. Esse material é também do Outro, se não voltaríamos a Platão para dizer que lá no fundo do Outro aparece o real. Ele vale mais, tem maior valor de verdade que o resto, mas não por isso. O inconsciente vale mais porque ele é mais real, mas ele não é o real. São fragmentos, histórias, lembranças, cheiros, todas essas coisas que a gente sente e vive através do Outro, mas sua especificidade é que ele não vem do lugar do eu, mas no lugar do sujeito que é o do furo.

Acreditamos que o que aparece no sujeito é singular. Nem tanto. O que é singular? A escova de dente dos cinco anos de idade? Para quem a recorda é singular, mas a representação da escova de dente nem tanto. Aliás, é por isso que às vezes temos dúvida se nossas lembranças são nossas ou se vieram de relatos dos pais, por exemplo. É que em

si não são tão nossas, mas passam a ser. Está no Outro, é matéria simbólica, mas o que importa é que seu valor de singularidade excede o valor de representação.

Para definir esse valor de singularidade dizemos que essa representação “tem uma carga libidinal” a mais, mas a questão é qualitativa.

Consideramos a singularidade como a propriedade de um material, mas a singularidade não é uma propriedade. O cheiro de pão fresquinho da minha infância em Petrópolis é singular? Está cheio de padarias com pão fresquinho nas memórias do Outro. Pode-se retrucar: mas você está falando só do cheiro da sua, só que o cheiro foi aprendido a sentir no coletivo.

A memória do homem é bizarra, estranha, infinita e não sabemos como funciona. Parece que a gente grava tudo, mas em uma análise não é todo fragmento de memória que importa. O que vale na análise só se apresenta porque está no lugar do furo no Outro. Por isso Lacan disse que não é memória mas *memoriação* de que se trata no inconsciente freudiano.

Nos fragmentos de memória no furo do Outro existe uma carga libidinal especial. Eles são o que chamamos de *isso*, são o que vão reproduzir reconfigurações dessas identificações e eles que vão levar a análise adiante. Eles é que são o real da análise, mas não são o real em si.

Alguns elementos podem ser encontrados em algum momento mas daqui a pouco não tem mais. Deslocou para algum lugar, a coisa perdeu o valor, não é que a coisa o tinha em si.

Preciso desconstruir essa noção platônica (para não dizer romântica) da singularidade porque, se vamos falar em política, teremos que ir mais longe do que defender a bandeira da singularidade como se ela fosse um dado que fizesse sentido para todos. A singularidade existe se um fragmento do Outro no lugar certo teve efeito de singularidade.

O modo como a narrativa se estrutura, que é o modo como o Outro se estrutura em você, vai definir o ponto onde algum material que for se apresentando vai ter valor de singularidade. Mas a singularidade só vai ter valor dentro daquela narrativa.

Todo o trabalho do primeiro Lacan é esvaziar a caverna platônica. Assim como o ponto no infinito não nos leva a outra dimensão, a singularidade terá que ser efetivada neste mesma matriz em que vivemos.

Colocando assim parece pragmático, sem dimensão, uma dimensão transcendente. Quero mais pé no chão. Foi como Lacan quando começou a dizer estrutura é isso. A estrutura do significante são as palavras, o sujeito é um efeito, é alguma coisa que aparece entre palavras.

Fica parecendo um pouco relativista, um pouco cínico, mas isso é só para quem não trabalha do lado de alguém que crê. Alguém que encontra lá seu furo, não pensa essas coisas.

Tomar a singularidade como um dado real em tempos ou subjetividades que não ligam a mínima para ela nos dá a impressão de estar pregando no deserto. Temos que pensar que

ela é uma produção também e não um dado. Senão vamos querer convencer as pessoas da singularidade ou podemos dizer que estão iludidos e que um dia vão encontrá-la. Isso não parece ser meio-religioso?

Se quisermos que a nossa maquininha funcione, temos levar a sério a singularidade, não como um dado, mas como uma produção. Vai depender da sorte, vai depender do momento, do encaixe, vai depender de arte.

Do “Outro no Outro” ao “outro Outro”

Poderíamos perguntar: isso é tudo na análise? De outra forma: só tem esse Outro? Não. Para chegar nele “por dentro” da análise a pergunta poderia ser: o analisante só tem esse Outro? Só há esse regime de alteridade em uma análise?

A cada vez que se apresenta um material novo vindo do Outro na análise é como se o furo sumisse. Esse material ganha valor de singularidade porque está no furo. Mas, a cada vez que isso se apresenta, o furo desaparece.

Pergunta: no caso da Dona Esther a bolsa é ponto no infinito ou tira o ponto do infinito? Ela é um objeto carregado de sensações, é quase como se a maldade humana estivesse ali. Depois que a maldade está aqui também, a maldade não é tão infinita assim, o que não quer dizer que diminuiu a maldade, mas já não é alguma coisa que pode aparecer em qualquer lugar.

A maldade do rapaz pode estar no infinito, junto com a honra e o nome limpo na praça, mas a bolsa está aqui e agora. Ela é o objeto que atesta o furo no outro, mas ao mesmo tempo o descompleta.

Dá para perceber que a análise não vai ficar eternizando esse furo. O lugar onde eu voltava sempre para encontrar que eu tinha sido abandonado não ficará eternamente como espaço do abandono absoluto. Vou encontrar coisinhas ali. Essas coisinhas num primeiro tempo vão marcar o abandono como real, mas encontrando e encontrando é como se o real do abandono fosse ficando diferente, como se ganhasse alguns nomes especiais, como se ele mudasse de lugar. Este é o materialismo da análise. Em vez de furo no infinito, furo ainda, mas bem cheio.

Participante: do jeito que você está falando parece que o $S(\mathcal{A})$ desaparece. Ao contrário, o $S(\mathcal{A})$ apresentado torna o Outro inconsistente. Tudo é sinal de abandono, por exemplo, para o analisante abandonado. Quando ela vai soletrando os nomes de seu abandono, num certo sentido ela fica ainda mais ainda convencida do real desse abandono, mas, em outro, o peso do abandono não está mais ali.

O regime do furo no infinito é o regime de um híbrido de impotência e impossibilidade. O regime da apresentação de material no lugar do sujeito é o regime de um híbrido entre impossível e contingência.

A contingência de um material que vem “dizer” o real tem tanto o efeito de marcar o furo - afinal ele não disse o real que não pode ser dito -, mas ao mesmo tempo, de certa forma, disse o impossível na contingência, que Freud chamava, por exemplo, de transitoriedade.

Nos nossos termos, os $S(A)$, os significantes da falta no Outro, que é o nome dessas coisinhas, produzem um encontro com uma estrutura que não é mais a mesma. Essa coisa, que é minha vida, parece funcionar como uma grande busca de alguma coisa sempre além. Quando eu, de alguma maneira a encontrei, já não é mais a mesma busca. O que é essa nova estrutura? Podemos chamar de estrutura? Por hora vamos chamá-la de outro Outro.

Não há metalinguagem, não há relação sexual, toda essa série de aforismos lacanianos dizem a mesma coisa: não há e não haverá saída da caverna, não há Outro **do** Outro. Por isso para o Lacan do *Seminário 5* o ponto no infinito é o “Outro **no** Outro”. É possível encontrar-se com o Outro no Outro, como d. Esther encontrou o furo, até mesmo pensar que ele é o Outro do Outro, como o neurótico padrão. Mas agora estamos falando de outro Outro.

O analista como Outro não é somente aquele que tem a verdade sobre mim no infinito, ele vai virando outra forma de alteridade. Na literatura psicanalítica ela tem muitos nomes: o corpo do analista, a contratransferência. No nosso mundo diremos, primeiramente com Lacan, que ela é o desejo do analista. A seguir, em seu ensino, ela será situada como gozo, seu corpo como *substância gozante* no *Seminário 20*. É um Outro que pode ser linguagem, fala, cheio de histórias, mas não tem um segredo em algum lugar, está ali, esse é outro Outro. Neste Outro gravita uma pletora de elementos que são você, mas não há mais uma singularidade a ser perseguida ao infinito, você está banhado nesta singularidade.

De um lado, o Outro do furo, o edipiano, o Outro neurótico; do outro lado, o Outro do psicótico, Outro mulher. De um lado o Outro do gozo fálico, e do outro o do gozo opaco do sinthoma. No começo da análise estamos lidando com o desejo, no final estamos lidando com o gozo. São várias as maneiras no nosso jargão para falar dessa diferença. Pós-edípico, além do Édipo, o princípio do prazer e o além do princípio do prazer. Faltou acrescentar na tabela, o Outro *todo* e o Outro *não-todo*.

Como é esse outro Outro? Como funciona? Ele pode ser separado do Outro paterno? Pode ganhar vida própria? Podemos imaginar situações excepcionais onde esse Outro dá as cartas? Ou ele só se apresenta como desmontagem do primeiro Outro? Essas são as boas perguntas para nossa discussão.

Para quem não está habituado: o *não-todo* não tem falta; ao contrário, é quando você retira a falta, quando a falta falta. Quando você tira o furo do pêndulo, o real pode estar em qualquer lugar e, por isso mesmo, não posso dizer que ele está faltando. Mas quando nada falta, dá uma confusão, para o melhor e para o pior.

A primeira abordagem na obra de Freud e no ensino de Lacan é desse Outro como feminino. As loucas, as místicas, o feminino, o gozo opaco do sinthoma são figuras dessas alteridades. É difícil lidar com elas, é difícil até dizer que elas estão aí.

Para desenhar este outro Outro “por fora” da análise, propus a imagem do *mercado*. Seria uma das maneiras de aproximar essa essência de uma alteridade sem furo intuitivamente. Quando falamos de mercado hoje em dia é assim: tudo pode acontecer, nada é impossível, nada está definido, infinitamente instado a fazer acontecer. Para agradecer o

mercado dizem para a gente que o Brasil tem que fazer as contas da casa. É um engano. A ideia de só gastar o que se arrecada faz sentido no Outro de Dona Esther, que está no Pêndulo de Foucault. No plano do mercado, o que importa é que tudo circule, que o capital continue fluindo pois tudo pode virar mercadoria. O Outro *não-todo* não deseja nada pois nada lhe falta. O mercado deseja o quê? Ele só fica nervoso ou irritado. Ele é caprichoso ou guloso, mas não pede nada.

No entanto, é esse Outro *não-todo* que vai definir o final de uma análise também. O encontro com essa alteridade, que não é muita coisa mas que não é mais furada, é que conclui a análise. Sim, porque no regime do furo no infinito é impossível terminar.

Pergunta: sobre o “*isso não se faz*”.

Isso não se faz é uma regra, supõe um certo e um errado de acordo com o que se interpreta que está no furo do Outro. Já o “faça” de hoje diz respeito ao Outro *não-todo*. Quando a gente diz, *isso não se faz*, o que estamos dizendo é que tem alguma coisa que pode e outra que não. Mas quem diz o que pode e o que não pode? Quem faz a triagem quando há dúvida? O pai ou quem estiver mais próximo do ponto de origem do saber da tradição, do “sempre foi assim”. Como a origem está no infinito, quem estiver mais próximo já basta, este é a autoridade simbólica que fala “em nome de” por estar supostamente “mais perto de”.

Quando o Outro do mercado diz “faça” é possível aproximá-lo do mandato do supereu porque ele não tem nada a ver com essa estrutura. O que vemos acontecer é: sem ponto no infinito não há mais como discernir entre o que se pode ou não porque, na dúvida, não há mais o emissário paterno da tradição. Então, se não há mais alguém para dizer não, se tudo se pode, então tudo se deve fazer. É o espírito do slogan da Nike: *impossible is nothing*. Quando o impossível é nada, todos tem que ser o Usain Bolt.

Nós vemos esse modo diferente de viver se instalando no mundo. Está descrito pelos sociólogos, por exemplo, Alan Ehrenberg, Dany-Robert Dufour. Mais angústia, menos desejo, temos hoje boa gente que descreve isso. Opondo um regime ao outro você vai sentindo que é diferente. Do nosso ponto de vista é perguntar em que o outro Outro pode estar na base de uma política e de que modo ela seria psicanalítica.

O que eu não queria perder é: no tratamento analítico, na situação analítica, quando esse furo é um pouco completado aparece essa ideia de uma exigência? Aparece algo assim, mas pode não ser supereu. Pode aparecer esse a mais de gozo como algo libertador.

Teríamos que retomar algum dos relatos de passes em que a falta falta e nem sempre é angústia. É uma situação de excedente, de ganho libidinal, “está tudo aí”, o que não quer dizer que você está sofrendo.

Pergunta:...

Somos muito *todistas*, sempre voltamos para o furo. Existem sistemas da sociedade de controle que não precisam de nada da disciplina, que precisa sempre do furo. A tirania não é disciplina, é violência. Nestes casos temos visto que aparece sempre uma agência de regulação, mas isso funciona?

Agamben apresenta o Outro *todo* e o *não-todo* a partir do estado de exceção. O *não-todo* é o estado de exceção, o *todo* é o estado de direito em que uma exceção governa. O

estado de exceção é quando alguém está no lugar da exceção e, em vez de seguir o que a lei prevê ou aceitar que um intérprete a interprete, ele faz a lei com seus desejos. Ele faz a lei enquanto anda, “eu sou a lei”, o que eu disser que é lei é lei.

A ideia de um estado de exceção permanente lhe parece tão louca que Agambem propõe como paradigma dele o campo de concentração, onde tudo é possível e uma vontade econômica vaga, terrivelmente gulosa e caprichosa, torna-se realidade. E isso pode ser muito, muito eficiente.

Pergunta:...

Aproximei o *não-todo* da análise de uma alteridade incontornável para conclusão da análise. É o Outro do *sinthoma* do *Seminário 23*. Didaticamente poderíamos dizer que o final de análise é quando você mais ou menos se cansou de viver o desejo de saber e não que encontrou o que buscava. Ao mesmo tempo isso é encontrar porque, enquanto você quiser saber, nunca vai encontrar.

Quero que vocês guardem a ideia de que a gente pode pensar o Outro *não-todo* como no *Seminário 20*, muito mais do lado do êxtase e sem que isso destrua tudo, e também como no *Seminário 23*, como o gozo opaco do *sinthoma*, com o que se pode aprender a se virar a “fazer com” sem que isso envolva um novo saber.

Os relatos dos AEs tentam transmitir alguma coisa desse a mais conquistado quando o analisante se abriu a essa alteridade do *sinthoma* ou do Outro *não-todo*. Lacan chamava isso de entusiasmo. O entusiasmo é esse ganho de libido que não é por nenhuma razão nova e mais porque se ri das razões. Não encontrei o furo, mas alguma coisa mudou a estrutura onde o furo se assentava e, porque não está tão infinito assim, agora acho que posso gostar de só encontrar na contingência porque é só nela que dá para encontrar alguma coisa que valha.